

Três Poemas Sobre Pinturas De Christopher Pratt

José Manuel Lopes

PORCH LIGHT

Permanecerá sempre nesse alpendre
a mesma ambiguidade
(instante de dúvida ou de segredo)
luz que sobre a porta aponta
para esse fim de tarde ou alvorada
em que te esperava rente ao mar
numa casa de tábuas fixas
impecavelmente desenhadas, macias,
repetitivas...

É ainda um norte atlântico
o que nos espreita do outro lado da casa
já impossível de se ver. Terra Nova em palimpsesto
e o jeito de nos juntarmos nas noites breves de Verão.

Após o vinho a distância, as velas
e o voo que aí singrasse em ecos de brancas frotas...
Mas eu já só quero essa areia
sem som de sombras de passos, respirada,
atenta ainda à casualidade de uma voz,
ao modo como inclinavas a cabeça no espaço
ausente desse olhar, a tua boca
e o corpo que te falava
quando chegando partíamos
sem nos darmos sequer conta
da geometria invasiva das ondas tão lineares...

Fala-se, de facto, aqui
de um silêncio tão absoluto que grita,
de um sal que já não se move de tão fixo

pois dormirá ainda em suspensão
ao lume dessa casa
na flor de uma anêmona congelada.

Respirar, remar mais largo,
quando a visão se esgarça
serena de excessos e fúrias
numa outra tela próxima da pele
e volta, tão-só perfeita pausa permanente
onde a incrível escrita perde o pé
e os rumores rombos de uma mão
sobem no ar ao fim da tarde
pelo despertar da manhã.

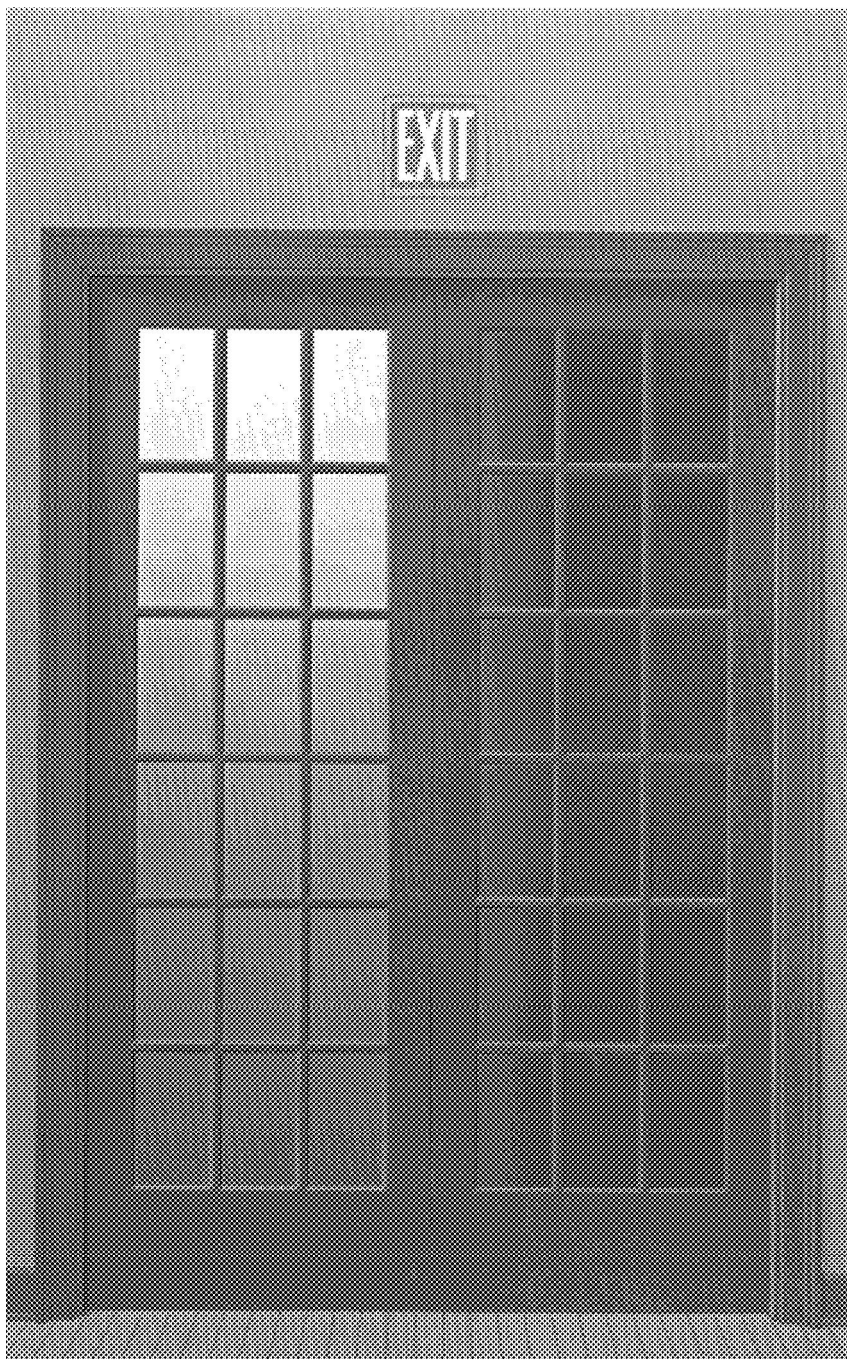
EXIT

Desta vez vou querer dizer
que não posso estar de pé diante dessa porta,
que as letras tão bem desenhadas escorrem pelo «X»
uma presença opressiva onde me vejo
longe do teu hotel ou espaço imaginário
não importa há quantos anos atrás.

É estranho como o painel da direita se escurece
num local tão ao alcance da mão
em que nem marcas nem sombra de puxadores
nos poderão franquear a tão destacada SAÍDA
afinal transparente mas opaca, pesada
como quem chega à sua sombra verde
nesse corredor de espaço público
impecavelmente limpo
por dentro do silêncio em que nos pintas e esqueces...

Também eu, de certo modo, aí estou
sem que me consiga lembrar
desse teu ginásio em Holloway,
nem da escola primária sobre uma ravina
onde todas as manhãs se pedia a Deus para salvar
ou um rei ou uma rainha,
limpos e bem-pensantes, na transparência do gelo.

Talvez se salve apenas uma hesitação,
começo de qualquer coisa
à boca de um caixilho e de um letreiro
como se fôssemos nós a entrar (ou a sair)
sem que a porta agora no teu quadro
sequer se movesse de tão nítida...



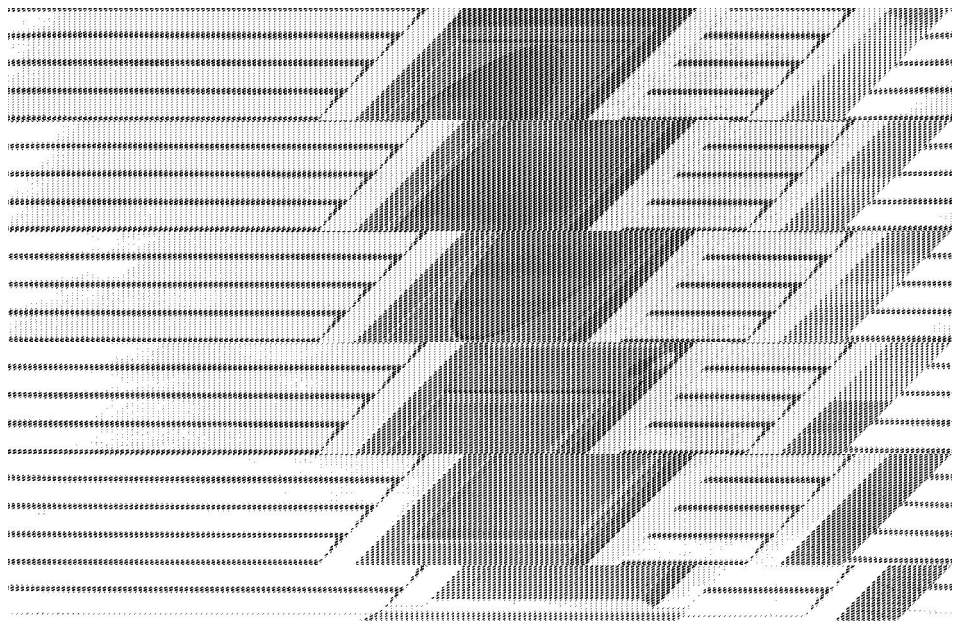
Christopher Pratt, *Exit* (1979), Óleo sobre madeira, 102 × 64 cm

COLEY'S POINT

Com toda a tua família enterrada em Coley's Point
para onde poderás olhar que não vejas um cemitério,
um ecrã duplo de rede para afastar insectos
viseira de caixão para os últimos rituais
e, no entanto, uma porta de entrada de forma oval
semelhante à margem de certas fotografias, no teu quadro
espelhando o céu, as nuvens, ou qualquer inefável protesto
para um secreto entendimento.

Acompanho-te sem que sequer suspeites
como se tornam insuportáveis para um português
essas tábuas tão simétricas, esse teu querer prender o olhar
onde tudo ondula e se desestabiliza
para se tornar, apesar de tudo, esse murmúrio de tela,
o eco dos teus antepassados ou esse céu vazio, sem nuvens
assim captado, quase de repente, verniz em mogno
ou em ácer duro como as pontas do chão
no ferro pintado do puxador,
lamentando uma simetria desfocada...

Salvar-nos-ia essa estria celeste e reflectora
se não insistíssemos em entrar nessa casa,
nem ver essa mesma morte
sem trapos de véus pela cabeça,
apenas por um azul de cinzas já nevado
depurado por riscas e por mares assinalando
as áreas que se ferem, as zonas nítidas.



Christopher Pratt, Coley's Point (1973), Óleo sobre madeira, 52 × 84 cm